

LATOUR, B. *Down to Earth: Politics in the New Climatic Regime*. trans. Catherine Porter (Cambridge: Polity Press, 2018) pp. 1-33.

Publicado pela primeira vez em francês como *Où atterir? Comment s'orienter en politique* (Éditions La Découverte, Paris, 2017).

Tradução livre para fins didáticos.

Descendo à Terra: Política no Novo Regime Climático^I

Bruno Latour

"We've read enough books"
(Nós já lemos livros suficientes)
Jared Kushner^[1]

1.

Este ensaio usa a ocasião da eleição de Donald Trump em 8 de novembro de 2016 para reunir três fenômenos que os comentaristas já notaram, mas sem perceber sua conexão. Assim, eles não conseguem ver a imensa energia política que poderia ser gerada ao tratar desses três fenômenos juntos.

No início da década de 1990, logo após a vitória sobre o comunismo, simbolizada pela queda do Muro de Berlim, assim como alguns observadores afirmavam que a história havia terminado^[2], outra história foi iniciada sub-repticiamente.

Esta história foi inicialmente marcada pelo que é chamado de "desregulamentação", um termo que deu à palavra "globalização" um elenco cada vez mais pejorativo. O mesmo período testemunhou, em todos os lugares ao mesmo tempo, o início de uma explosão cada vez mais vertiginosa de desigualdades. Esses dois fenômenos coincidem com um terceiro menos enfatizado: o início de um esforço sistemático para negar a existência da mudança

^I N.T. O título em inglês "*Down to Earth*" não poderia ser traduzido como "pés no chão", no sentido corrente de "volta à realidade" (a expressão possui esse sentido comum em inglês). Embora também contenha esse sentido, certamente há uma referência ao trabalho anterior de Latour, "*Facing Gaia: Eight Lectures on the New Climatic Regime*". Em *Facing Gaia*, o autor trabalha com a categoria "Terranos" [em inglês o termo usado é *Earthbound*, que literalmente seria algo como "preso à terra"]. O termo é usado para distinguir aqueles que não fazem mais parte do acordo moderno de separação entre Natureza e Sociedade e faz oposição a uma ideia purificada de "humano" ou de "humanidade". Em francês, o título questiona "*Où atterir?*" ("*Onde pousar?*"), que pode ser referência do "*Down to Earth*" como a uma busca de caminho de ruptura com o acordo moderno. Por isso, a tradução do título foi feita ao pé da letra como "Descendo à Terra".

climática - "clima" no sentido amplo das relações entre os seres humanos e as condições materiais de suas vidas.

Este ensaio propõe tomar esses três fenômenos como sintomas de uma única situação histórica: é como se um segmento significativo das classes dominantes (conhecido hoje de forma muito vagarosa como "as elites") tivesse concluído que a Terra não tivesse mais espaço suficiente para eles e para todos os outros.

Conseqüentemente, eles decidiram que era inútil agir como se a história continuasse a se mover em direção a um horizonte comum, em direção a um mundo no qual todos os humanos poderiam prosperar igualmente. A partir da década de 1980, as classes dominantes deixaram de pretender liderar e começaram, em vez disso, a se proteger do mundo. Estamos experimentando todas as conseqüências deste vôo, do qual Donald Trump é apenas um símbolo, entre outros. A ausência de um *mundo comum* compartilhável está nos deixando loucos.

A hipótese é que não podemos entender nada sobre a política dos últimos 50 anos se não colocarmos a questão da mudança climática, com sua frente e centro de negação. Sem a ideia de que entramos em um Novo Regime Climático^[3], não podemos entender a explosão de desigualdades, o escopo da desregulamentação, a crítica da globalização, ou, mais importante, o desejo apavorado de retornar às antigas proteções do estado-nação - um desejo que é identificado, de forma bastante imprecisa, com a "ascensão do populismo".

Para resistir a essa perda de uma orientação comum, teremos que descer à terra; Teremos que *atterrissar* em algum lugar. Então, teremos que aprender como obter o nosso norte, como nos *orientar*. E para isso precisamos de algo como um *mapa* das posições impostas pela nova paisagem dentro da qual não apenas os *afetos* da vida pública, mas também suas *apostas* estão sendo redefinidas.^{II}

As reflexões que se seguem, escritas com franqueza deliberada, exploram a possibilidade de que certos efeitos políticos possam ser canalizados para novos objetivos.

Uma vez que o autor não tem qualquer autoridade em ciência política, ele só pode oferecer aos seus leitores a oportunidade de refutar essa hipótese e procurar por outras melhores.

2.

Os partidários de Donald Trump devem ser agradecidos por terem esclarecido consideravelmente essas questões, pressionando-o a anunciar, em 1º de junho de 2017, a retirada dos Estados Unidos do Acordo Climático de Paris.

O que a militância de milhões de ecologistas, as advertências de milhares de cientistas, as ações de centenas de industriais, até os esforços do papa Francisco^[4] não conseguiram fazer, Trump conseguiu: todos agora sabem que a

^{II} N.T. Alguns dos termos em itálico possuem ambigüidades propositais em inglês: *land, orient, stakes etc.*

questão do clima está no coração de todas as questões *geopolíticas* e que está diretamente ligada a questões de injustiça e desigualdade^[5].

Ao sair do acordo de Paris, Trump desencadeou explicitamente, se não uma guerra mundial, pelo menos uma guerra sobre o que constitui o teatro de operações. "Nós americanos não pertencemos à mesma terra que você. A sua pode ser ameaçada; a nossa não será!"

As consequências políticas e, presumivelmente, as consequências militares - ou, em qualquer caso, as consequências existenciais - do que o primeiro presidente Bush previra em 1992, no Rio, foram explicitadas: "Nosso modo de vida não é negociável!". Pois então! Pelo menos as coisas estão claras: não existe mais um ideal de um mundo comum ao que costumava ser chamado de "o Ocidente".

Um primeiro evento histórico: Brexit. O país que inventou o amplo espaço aberto do mercado tanto no mar quanto na terra; o país que havia incansavelmente pressionado a União Europeia a ser apenas uma enorme loja; Este mesmo país, diante da chegada repentina de milhares de refugiados, decidiu impulsivamente parar de jogar o jogo da globalização. Em busca de um império que há muito desaparecera, tenta se afastar da Europa (ao preço de dificuldades cada vez mais inextricáveis).

Um segundo evento histórico: a eleição de Trump. O país que impôs violentamente sua própria forma de globalização no mundo, o país que se definiu pela imigração e eliminou seus primeiros habitantes, esse mesmo país confiou seu destino a alguém que promete isolá-lo dentro de uma fortaleza, parar de deixar os refugiados entrarem, parar de ir em auxílio de qualquer causa que não esteja em seu próprio solo, mesmo que continue a intervir em todo o mundo com seu costumeiro descuido.

A nova afinidade pelas fronteiras entre as pessoas que defenderam seu desmantelamento sistemático já está confirmando o fim de um conceito de globalização. Dois dos maiores países do antigo "mundo livre" estão dizendo aos outros: "Nossa história não terá mais nada a ver com a sua; você pode ir para o inferno!"

Um terceiro evento histórico: a retomada, alargamento e ampliação das migrações. No exato momento em que todos os países estão enfrentando as múltiplas ameaças da globalização, muitos estão tendo que descobrir como acolher em seu solo milhões de pessoas - talvez dezenas de milhões!^[6] - que são impulsionadas pela ação cumulativa das guerras, tentativas fracassadas de desenvolvimento econômico e pela mudança climática, para buscar o território que eles e seus filhos podem habitar.

Alguns dirão que este é um problema muito antigo. Mas não: esses três fenômenos são simplesmente aspectos diferentes de uma mesma metamorfose: *a própria noção de solo está mudando*. O solo dos sonhos da globalização está começando a se esvaír.

Esse é o aspecto verdadeiramente novo do que é discretamente chamado de "crise migratória". Se a angústia é tão profunda, é porque cada um de nós está começando a sentir o chão se esvaír sob nossos pés. Estamos descobrindo, mais

ou menos obscuramente, que estamos todos em migração para territórios ainda a serem redescobertos e reocupados.

Isto é devido a um quarto evento histórico, o mais importante e o menos discutido. Aconteceu em 12 de dezembro de 2015, em Paris, justamente quando o acordo sobre o clima estava sendo alcançado, no final da conferência chamada COP21.

O que conta como uma medida do impacto real do evento não é o que os delegados decidiram; nem é se o acordo se realizará ou não (os negadores da mudança climática farão o máximo para estripá-lo); Não, o fato crucial é que, naquele dia de dezembro, todos os países signatários, mesmo aplaudindo o sucesso do improvável acordo, perceberam com alarme que, se todos fossem adiante de acordo com os termos de seus respectivos planos de modernização, não haveria planeta compatível com suas esperanças de desenvolvimento.^[7]

Eles precisariam de vários planetas; eles têm apenas um.

Ora, se não há planeta, nem terra, nem solo, nem território para abrigar o Globo da globalização, para o qual todos esses países afirmam estar encabeçados, então não há mais uma "pátria" assegurada, por assim dizer, para ninguém.

Cada um de nós, portanto, enfrenta a seguinte questão: continuamos alimentando sonhos de fuga, ou começamos a procurar um território que nós e nossos filhos possamos habitar?

Ou negamos a existência do problema, ou *procuramos um lugar para pousar*. De agora em diante, é isso que nos divide, muito mais do que nossas posições à direita ou à esquerda do espectro político.

E isso é tão verdadeiro para os *antigos habitantes* dos países ricos quanto para seus *futuros habitantes*. Os primeiros, porque eles entendem que não há planeta adequado para a globalização e que terão que mudar completamente seus modos de vida; os segundos, porque eles tiveram que deixar suas antigas terras devastadas: eles também têm que mudar seus modos de vida completamente e aprender novos.

Em outras palavras, a crise migratória foi generalizada.

Para os migrantes *de fora* que têm que atravessar fronteiras e deixar seus países para trás ao preço de imensas tragédias, devemos, a partir de agora, adicionar os migrantes *de dentro* que, enquanto permanecem no lugar, estão experimentando o drama de se verem *abandonados por seus próprios países*. O que torna a crise migratória tão difícil de conceituar é que ela é o sintoma, em graus mais ou menos excruciantes, de uma provação comum a todos: a provação de se encontrar *privado de terra*.

Essa provação explica a indiferença relativa à urgência da situação, e explica por que somos todos *quietistas* do clima, quando esperamos, enquanto nada fazemos, que "tudo ficará bem no final". É difícil não fazer isso. Imaginemos que efeito as notícias que ouvimos todos os dias sobre o estado do planeta têm em nosso estado mental. Como não podemos nos sentir internamente desfeitos pela ansiedade de não saber como responder?

É esse mal-estar, ao mesmo tempo pessoal e coletivo, que confere à eleição de Trump sua importância total; sem isso, estaríamos apenas lendo o roteiro de uma série de TV excessivamente medíocre.

Os Estados Unidos tinham duas opções: reconhecendo a extensão da mudança climática e a imensidão de sua responsabilidade, eles poderiam finalmente tornarem-se realistas e afastar o "mundo livre" do abismo, ou mergulhar ainda mais na negação. Aqueles que se escondem atrás de Trump decidiram manter a América flutuando na Terra dos Sonhos alguns anos a mais, a fim de adiar a descida à terra, enquanto conduzem o resto do mundo ao abismo - talvez para sempre.

3.

A questão do pouso em algum lugar não ocorreu antes dos povos que decidiram "modernizar" o planeta. Surgiu - sempre dolorosamente - apenas para aqueles que durante quatro séculos haviam sido submetidos ao impacto das "grandes descobertas", dos impérios, da modernização, do desenvolvimento e, finalmente, da globalização. Eles sabiam perfeitamente bem o que significava encontrar-se privado de terra. E eles sabiam muito bem o que significava ser expulso da terra. Eles não tinham escolha senão se tornar especialistas na questão de como sobreviver à conquista, extermínio, grilagem de terras.

A grande novidade para os povos modernizadores é que esta questão territorial é agora dirigida a eles, assim como aos outros. É menos sangrento, menos brutal, menos detectável, talvez; mas, na verdade, é uma questão de um ataque extremamente violento destinado a retirar os territórios daqueles que até então possuíam terras - na maioria das vezes porque eles os haviam tirado de outros durante as guerras de conquista^[8].

Aqui está algo que acrescenta um significado inesperado ao termo "pós-colonial", como se houvesse uma semelhança familiar entre dois sentimentos de perda: "Você perdeu seu território? Nós tiramos isso de você? Bem, você deve saber que estamos, por sua vez, no processo de perdê-lo..." E assim, estranhamente, na ausência de um senso de fraternidade que seria indecente, algo como um novo vínculo está deslocando o conflito clássico: "Como você conseguiu resistir e sobreviver? Seria bom se nós também pudéssemos aprender isso com você."^[9] Após as perguntas, surge uma resposta irônica e abafada: "Bem-vindo ao clube!"

Em outras palavras, a sensação de vertigem, quase de pânico, que atravessa toda a política contemporânea surge devido ao fato de que o chão está cedendo aos pés de todos ao mesmo tempo, como se todos nos sentíssemos atacados em todos os lugares, em nossos hábitos e em nossas posses.

Você já reparou que as emoções envolvidas não são as mesmas quando você é solicitado a defender a natureza - você boceja, está entediado - de quando você é solicitado a defender seu território - agora você está bem acordado, de repente mobilizado?

Se a natureza se tornou território, faz pouco sentido falar em uma "crise ecológica", "problemas ambientais" ou uma "biosfera" a ser redescoberta,

poupada ou protegida. O desafio é muito mais vital, mais existencial que isso - e também muito mais compreensível, porque é muito mais direto. Quando o tapete é puxado debaixo dos seus pés, você compreende imediatamente que terá que se preocupar com o chão...

É uma questão de apego, de estilo de vida, que está sendo arrancado debaixo de nós, uma questão de terra, de propriedade cedendo abaixo de nós, e esse desconforto agride igualmente a todos, os antigos colonizadores e os ex-colonizados, da mesma forma. Mas, na verdade, não, isso incomoda muito os antigos colonizadores, já que eles estão menos acostumados com a situação do que os colonizados anteriormente. O que é certo é que todos se encontram diante de uma falta universal de espaço compartilhável e terra habitável.

Mas de onde vem esse pânico? Da mesma sensação profunda de injustiça sentida por aqueles que se encontravam privados de suas terras na época das conquistas, durante a colonização e finalmente durante a era do "desenvolvimento": um poder de outro lugar vem privá-lo de sua terra e você não tem nenhuma propriedade com esse poder. Se isso é globalização, então entendemos retrospectivamente por que resistir sempre foi a única solução, porque os colonizados sempre estiveram certos em se defender.

Esta é a nova maneira pela qual podemos experimentar a condição humana universal - uma universalidade perversa, com certeza, mas a única disponível para nós, agora que a universalidade anterior, prometida pela globalização, parece estar se afastando do horizonte. A nova universalidade consiste em sentir que o chão está no processo de ceder.

Essa nova universalidade não é suficiente para nos permitir entender uns aos outros e evitar futuras guerras pela apropriação do espaço? Provavelmente não, mas é a nossa única saída: descobrir em comum que terra é habitável e com quem compartilhá-la.

A alternativa é agir como se nada estivesse acontecendo e nos proteger atrás de uma parede enquanto prolongamos o sonho acordado do "modo de vida americano" - do qual, como sabemos, em breve será nove ou dez bilhões de humanos incapazes de se beneficiar.

Migrações, explosões de desigualdade e Novo regime climático: *são uma e mesma ameaça*. A maioria de nossos concidadãos subestima ou nega o que está acontecendo com a Terra, mas eles entendem perfeitamente bem que a questão dos migrantes põe em perigo seus sonhos de uma identidade segura.

Por enquanto, totalmente despertados e trabalhados pelos chamados partidos "populistas", esses cidadãos compreenderam a mutação ecológica em apenas uma de suas dimensões. A crise climática está forçando as pessoas que não são bem-vindas a cruzar suas fronteiras; daí a resposta: "Vamos colocar fronteiras impenetráveis e vamos escapar da invasão!"

Mas é a outra dimensão dessa mesma mutação que eles ainda não entenderam completamente: o Novo regime climático tem varrido por todas as nossas fronteiras por um longo tempo, expondo-nos a todos os ventos, e nenhuma parede que possamos construir manterá esses invasores para fora.

Se quisermos defender nossas afiliações, teremos que *identificar* essas migrações também, migrações sem forma ou nação que conhecemos como clima, erosão, poluição, esgotamento de recursos, destruição de habitats. Mesmo se você selar as fronteiras contra os refugiados de duas pernas, você não pode impedir que esses outros cruzem.

"Mas então não há ninguém em casa por mais tempo?"

Não, de fato. Nem a soberania do Estado nem as fronteiras invioláveis podem tomar o lugar da política por mais tempo.

"Mas então tudo está aberto, vamos ter que viver do lado de fora, sem nenhuma proteção, misturados com os ventos, misturados com todos os outros, lutando por tudo sem mais garantias, nos movendo sem parar, perdendo toda a identidade, todo conforto! Quem pode viver assim?"

Ninguém é verdade. Nem um pássaro, nem uma célula, nem um migrante, nem um capitalista. Até mesmo um Diógenes tem o direito a um barril, assim como um nômade à sua tenda, um refugiado ao seu asilo.

Não se deixe enganar por um segundo com aqueles que pregam o chamado de espaços abertos, de "assumir riscos", aqueles que abandonam toda a proteção e continuam apontando para o horizonte infinito da modernização para todos. Esses bons apóstolos só assumem riscos se o conforto deles for garantido. Em vez de ouvir o que eles estão dizendo sobre o que vem pela frente, olhe para o que está por trás deles: você verá o brilho dos paraquedas dourados cuidadosamente dobrados, de tudo que os assegura contra os riscos aleatórios da existência.

O direito mais básico de todos é se sentir seguro e protegido, especialmente em um momento em que as antigas proteções estão desaparecendo.

Esse é o significado da história que ainda precisa ser descoberta: como podemos reescrever bordas, envelopes, proteções; Como podemos encontrar novas bases, levando simultaneamente em conta o fim da globalização, o alcance da migração e também os limites impostos à soberania dos Estados-nação que, doravante, enfrentam as mudanças climáticas?

Acima de tudo, como podemos tranquilizar aqueles que vêm a salvação apenas na lembrança de uma identidade nacional ou étnica, sempre recém-reinventada? E, além disso, como podemos organizar uma vida coletiva em torno do extraordinário desafio de acompanhar milhões de estrangeiros em sua busca por uma base duradoura?

A questão política é como tranquilizar e abrigar todas as pessoas que são obrigadas a tomar a estrada, mesmo ao afastá-las da falsa proteção de identidades e fronteiras rígidas.

Mas como eles podem ser tranquilizados? Como esses migrantes podem ter a sensação de estarem protegidos sem depender de uma identidade baseada em uma ideia de origens, raças autóctones, fronteiras seguras, seguro contra todos os riscos?

Para tranquilizá-los, teríamos de ser capazes de realizar dois movimentos complementares que a provação da modernização tornou contraditórios: *ligar-se a um pedaço particular de solo, por um lado, ter acesso ao mundo global, por outro*. Até agora, é verdade, tal operação foi considerada impossível: entre os

dois, diz-se, é preciso escolher. É essa aparente contradição que a história atual parece estar trazendo ao fim.

4.

O que significam, no fundo, os estragos da globalização? Parece que a globalização é a fonte de todos os males, que é contra a globalização que os vários "povos" subitamente "se revoltaram" em um supremo esforço de "conscientização" que, diz-se, "abriram seus olhos" aos excessos das "elites".

É hora de prestar atenção às palavras que estamos usando. Em "globalizar" há uma boa dose de "*globabble*", com certeza, mas há também a palavra "globo", assim como no "*worlding*" de Donna Haraway também existe a palavra "world" ("mundo"). É uma vergonha ter que passar sem eles^{III}.

Por 50 anos, o que é chamado de "globalização" consistiu, de fato, em *dois fenômenos opostos* que foram sistematicamente confundidos.

Mudar de um ponto de vista local para um global deve significar *multiplicar* pontos de vista, *registrando* um número maior de variedades, *levando em conta* um número maior de seres, culturas, fenômenos, organismos e pessoas.

No entanto, parece que o que se entende por globalização hoje é exatamente o oposto de tal aumento. O termo é usado para significar que *uma visão única*, inteiramente provinciana, proposta por poucos indivíduos, representando um número muito pequeno de interesses, limitada a poucos instrumentos de medição, a alguns padrões e protocolos, foi imposta a todos e espalhada por toda parte. Não é de surpreender que não saibamos se abraçamos a globalização ou, pelo contrário, lutamos contra ela.

Se é uma questão de *multiplicar* pontos de vista para complicar todas as visões "provinciais" ou "fechadas" com novas variantes, é uma luta que merece ser travada. Se se trata de *diminuir* o número de alternativas em relação à existência e ao curso do mundo, o valor dos bens e as definições do Globo, fica claro que temos que resistir a essas simplificações com toda a nossa força.

Em suma, parece que quanto mais se globaliza, mais se tem a impressão de ter uma visão limitada! Cada um de nós está pronto para se afastar de nossos próprios pequenos lotes de terra, mas certamente não para sermos submetidos à visão estreita de outro pequeno plano que é simplesmente mais distante. Então, a partir daqui, vamos distinguir entre *globalização-plus* e *globalização-minus*.^{IV}

O que vai complicar qualquer projeto de pouso em algum lugar é que essa definição da inevitável globalização levará, em reação, à invenção do "reacionário".

Os defensores da *globalização-minus* acusaram por muito tempo aqueles que resistem à sua implantação de serem arcaicos, atrasados, pensando apenas

^{III} N.T. "*Globabble*" significa fala confusa ou pretenciosa sobre globalização. "*Worlding*" significa, em Haraway, "criação de mundos".

^{IV} N.T. "*Plus*" e "*Minus*" são termos latinos que significam "mais" e "menos, pouco", respectivamente. Os termos existem em inglês com sentido idêntico, porém o original os traz em itálico, o que indica que Latour os utiliza na forma original latina. Sentido de "globalização-mais"; "globalização-menos", entendidos como categorias distintivas utilizadas pelo autor.

em suas próprias pequenas parcelas de terra e procurando se proteger contra todos os riscos, permanecendo enclausurados em suas próprias pequenas casas! (Ah! O gosto por espaços abertos pregados por aqueles que estão abrigados onde quer que suas milhas de 'passageiro frequente' os levem...).

É para estimular esse povo atrasado que os globalizadores os submeteram à grande alavanca da modernização. Por dois séculos, a flecha do tempo tornou possível localizar de um lado aqueles que estão avançando - os modernizadores, os progressistas - e, do outro, aqueles que permanecem para trás.

O grito de guerra "Modernize!" Não tem conteúdo, mas sim: toda a resistência à globalização será imediatamente considerada ilegítima. Não há necessidade de negociar com aqueles que querem ficar para trás. Aqueles que se abrigarem do outro lado da marcha irreversível da globalização serão desqualificados de antemão^[10]. Eles não são apenas derrotados, são também irracionais. *Ai dos vencidos!*

A defesa desse tipo de modernização define, por contraste, o gosto pelo local, o apego à terra, a manutenção das tradições, a atenção à terra. Não mais tratados como um conjunto de sentimentos legítimos, essas posturas são acusadas de apenas expressar nostalgia de posições "arcaicas" e "obscurantistas".

O apelo à globalização é tão ambíguo que sua maleabilidade contamina o que se pode esperar do local. É por isso que, desde o início da modernização, qualquer apego a qualquer solo foi lido como um sinal de atraso.

Assim como há duas maneiras inteiramente diferentes de ver a globalização, de registrar as variações no Globo, há pelo menos dois caminhos, igualmente contrastantes, para definir o apego ao local.

E aqui é onde as elites que tanto lucraram com as globalizações (*plus* tanto quanto *minus*) têm tanto trabalho para entender o que perturba aqueles que querem ser mantidos, protegidos, assegurados, tranquilizados por sua província, sua tradição, seu solo ou sua identidade. As elites os acusam de ceder às sirenes do "populismo".

Recusar a modernização pode ser um reflexo nascido do medo, da falta de ambição, da preguiça inata, sim, mas, como Karl Polanyi viu tão claramente, a sociedade está sempre certa em se defender dos ataques^[11]. Rejeitar a modernização é também *resistir corajosamente* ao recusar a barganha da própria província por outra - Wall Street, Pequim ou Bruxelas - que seja ainda mais estreita e acima de tudo infinitamente remota, portanto muito mais indiferente aos interesses locais.

É possível fazer com que aqueles que ainda estão entusiasmados com a globalização entendam que é normal, justo, que é indispensável querer preservar, manter, garantir a pertença a uma terra, um lugar, um solo, uma comunidade, um espaço, um meio, um modo de vida, um ofício, uma habilidade? Precisamente para permanecer capaz de registrar mais diferenças, mais pontos de vista e, acima de tudo, não começar reduzindo seu número.

Sim, os "reacionários" estão errados sobre a globalização, mas os "progressistas" também estão certamente errados sobre o que mantém os "reacionários" ligados aos seus costumes e hábitos.

Vamos distinguir, conseqüentemente, o local-*minus* do local-*plus*, assim como temos que distinguir a globalização-*minus* da globalização-*plus*. No final, o que conta é não saber se você é a favor ou contra a globalização, a favor ou contra o local; tudo o que conta é entender se você está conseguindo registrar, manter, valorizar um número máximo de formas alternativas de pertencer ao mundo.

Ser-nos-á dito que isto está dividindo cabelos e introduzindo divisões artificiais, para melhor esconder alguma antiga ideologia do sangue e do solo (*Blut und Boden*)^V.

Oferecer tal objeção é esquecer o grande evento que interveio para colocar em risco o grande projeto de modernização. Se o projeto se tornou impossível, é porque não há Terra capaz de conter seu ideal de progresso, emancipação e desenvolvimento^[12]. Como resultado, *todas as formas de pertencimento* estão passando por metamorfoses - pertencentes ao globo, ao mundo, províncias, a terrenos particulares, ao mercado mundial, a terras ou a tradições.

Devemos encarar o que é literalmente um problema de dimensão, escala e alojamento: o planeta é *muito estreito e limitado* para o globo da globalização; ao mesmo tempo, é *grande demais*, infinitamente grande demais, ativo demais, complexo demais para permanecer dentro das fronteiras limitadas de qualquer localidade. Todos nós estamos sobrecarregados duas vezes: pelo que é muito grande e pelo que é muito pequeno.

E, assim, ninguém tem a resposta para a pergunta "como se pode encontrar terra habitável?" Nem os defensores da globalização (*plus* e *minus*) nem os defensores do local (*plus* e *minus*). Não sabemos para onde ir ou como viver ou com quem conviver. O que devemos fazer para encontrar um lugar? Como devemos nos orientar?

5.

Algo deve ter acontecido, algum evento verdadeiramente extraordinário, pois o ideal da globalização mudou a valência^{VI} muito rapidamente. Preparar uma hipótese anterior com uma ficção política nos permite situar esse evento com mais precisão.

Suponhamos que, a partir da década de 1980, mais e mais pessoas - ativistas, cientistas, artistas, economistas, intelectuais, partidos políticos - tenham apreendido o status cada vez mais ameaçado das relações outrora mais ou menos estáveis que a Terra mantinha com os humanos^[13]. Apesar das dificuldades, essa vanguarda conseguiu acumular evidências de que essas relações estáveis não poderiam durar, que a Terra também acabaria resistindo.

^V N.T. "*Blut und Boden*" é uma expressão alemã que significa "sangue e solo", ligada ao nacionalismo do século XIX, que influenciou diretamente o Nazismo, virando um de seus slogans.

^{VI} N.T. "Mudou a valência", provavelmente é uma referência metafórica à valência dos elementos químicos, que mede o poder de combinação entre os átomos. A expressão "mudança de valência do ideal da globalização" pode ser lida como "mudança fundamental" ou "mudança de forças" no ideal de globalização. Literalmente, "*valentia*" significa em latim "força, capacidade", indicando a força ou a capacidade de ligação entre os elementos.

Antes, todos viam com bastante clareza que a questão dos limites inevitavelmente surgiria, mas a decisão compartilhada, pelo menos entre os Modernos, tinha sido ignorar bravamente essa questão com uma forma muito estranha de desinibição^[14]. Poderíamos ir em frente e pegar terras, usá-la e abusar dela, sem ouvir os profetas da desgraça, uma vez que o próprio solo se manteve mais ou menos quieto!

E, no entanto, pouco a pouco, descobrimos que *sob* a terra da propriedade privada, da apropriação de terras, da exploração de territórios, de *outro terreno*, de outra terra, outro solo começou a se mexer, a tremer, a ser movido. Uma espécie de terremoto, se você gostar, que levou os pioneiros a dizer: "Cuidado, nada será como era antes; você vai ter que pagar caro pelo retorno da Terra, a explosão de poderes que foram mansos até agora."

E aqui é onde entra a hipótese da ficção política. Suponhamos que outras elites, talvez menos esclarecidas, mas com meios significativos e interesses importantes, e acima de tudo com extrema atenção à segurança de suas imensas fortunas e à durabilidade de seu bem-estar, tinha, todos e cada um deles, ouvido esta ameaça, este aviso.

Temos que supor que essas elites entenderam perfeitamente bem que a advertência era correta, mas não concluíram a partir da evidência, que se tornara cada vez mais indiscutível ao longo dos anos, que teriam de pagar e pagar caro pela Terra estar voltando a si mesma. Eles teriam sido esclarecidos o suficiente para registrar o aviso, mas não suficientemente esclarecidos para compartilhar os resultados com o público.

Pelo contrário, devemos supor que eles tiraram duas consequências da advertência, que resultou na eleição do Twiteiro-Chefe para a Casa Branca. "Primeiro, sim, teremos que pagar caro por essa reviravolta, mas *os outros vão pagar* pelo que está quebrado, certamente não nós mesmos; e, em segundo lugar, quanto a essa verdade cada vez menos discutível sobre o Novo Regime Climático, *vamos negar sua própria existência!*"

Essas duas decisões possibilitariam conectar três fenômenos: o que desde os anos 80 vem sendo chamado de "desregulamentação" ou o "desmantelamento do Estado de bem-estar social"; o que desde os anos 2000 é conhecido como "negação da mudança climática"^[15]; e acima de tudo, o que nos últimos 40 anos tem sido uma extensão vertiginosa das desigualdades^[16].

Se a hipótese estiver correta, tudo isso é parte de um único fenômeno: as elites estão tão completamente convencidas de que não haveria vida futura para todos que decidiram *se livrar de todos os fardos da solidariedade o mais rápido possível* - por isso desregulamentação; eles decidiram que uma espécie de fortaleza dourada teria que ser construída para aqueles (uma pequena porcentagem) que seriam capazes de sobreviver - daí a explosão de desigualdades^[17]; e eles decidiram que, para esconder o egoísmo crasso de tal fuga do mundo compartilhado, eles teriam que rejeitar absolutamente a ameaça na origem deste vôo vertiginoso - daí a negação da mudança climática.

Voltando à metáfora desgastada do Titanic, as classes dominantes entendem que o naufrágio é certo; eles reservam os botes salva-vidas para si e

pedem à orquestra para continuar tocando canções de ninar para que eles possam aproveitar a escuridão para bater em sua retirada antes que a lista aumentada do navio avise as outras classes!^[18] Para um episódio esclarecedor que não é metafórico: A Exxon-Mobil, no início dos anos 1990, sabendo muito bem o que estava fazendo, após publicar excelentes artigos científicos sobre os perigos da mudança climática, optou por investir maciçamente na extração frenética de petróleo e, ao mesmo tempo, em uma campanha igualmente frenética para proclamar a inexistência da ameaça^[19].

Essas pessoas - a quem podemos chamar as elites obscurantistas de agora em diante - entenderam que, se quisessem sobreviver confortavelmente, *tinham que parar de fingir, mesmo em seus sonhos, compartilhar a terra com o resto do mundo.*

Essa hipótese tornaria possível explicar como a globalização-*plus* se tornou globalização-*minus*. Considerando que até a década de 1990 se poderia associar o horizonte da modernização com as noções de progresso, emancipação, riqueza, conforto, até mesmo luxo e, sobretudo, racionalidade, raiva para desregular, explosão de desigualdades, o abandono das solidariedades associou gradualmente esse horizonte à noção de uma decisão arbitrária vinda do nada em favor do lucro exclusivo de poucos. O melhor dos mundos tornou-se o pior.

Olhando para baixo do parapeito do navio, as classes mais baixas, agora completamente despertas, vêem os botes salva-vidas puxando cada vez mais longe. A orquestra continua a tocar "Mais perto, meu Deus, de Ti", mas a música não é mais suficiente para abafar os gritos de raiva...

E é realmente de raiva que devemos falar, se queremos entender a reação de desafio e incompreensão em face de tal traição.

Se as elites sentissem, a partir dos anos 80 ou 90, que a festa tinha acabado e que teriam de construir mais comunidades fechadas^[20], de modo que não precisariam mais compartilhar com as massas, especialmente as massas "de cor" que em breve estariam em movimento por todo o planeta porque estavam sendo expulsas de suas casas, pode-se imaginar que os que ficaram para trás também entenderam muito rapidamente que se a globalização fosse deixada de lado eles também precisariam de condomínios fechados.

As reações de um lado levaram a reações do outro - ambos os lados *reagiram a outra reação muito mais radical, a da Terra*, que havia parado de absorver golpes e estava reagindo com violência crescente.

Essa sobreposição parece irracional apenas se esquecermos que estamos lidando com uma e a mesma reação em cadeia cuja origem deve ser buscada na reação da Terra aos nossos empreendimentos. Nós somos aqueles que começamos - nós do velho oeste, e mais especificamente da Europa. Não há duas maneiras: temos que aprender a viver com as consequências do que desencadeamos.

Não entenderemos nada sobre o terrível crescimento das desigualdades ou sobre a "onda de populismo" ou a "crise migratória" se não entendermos que são

três respostas diferentes, basicamente compreensíveis, se não eficazes, à poderosa reação da Terra, ao o que a globalização fez com ela.

Diante da ameaça, de acordo com nossa ficção política, foi tomada a decisão de não encará-la, mas de fugir. Alguns deslizam para o exílio dourado do 1% - "Os super-ricos têm que ser protegidos acima de tudo!" - enquanto outros se agarram para proteger as fronteiras - "Tenha piedade, pelo menos tenhamos a garantia de uma identidade estável!" - e ainda outros, os mais desprezíveis de todos, tomam o caminho para o exílio.

Em última análise, eles são todos os "deixados para trás da globalização" (-*minus*) - que está começando a perder seu poder de atração.

6.

As elites obscurantistas, de acordo com essa narrativa, levaram a ameaça a sério; concluíram que seu domínio estava ameaçado e decidiram dismantlar a ideologia de um planeta compartilhado por todos; eles entenderam que tal abandono não poderia, em nenhuma circunstância, ser tornado público e, conseqüentemente, que o conhecimento científico que sustentava todo o seu movimento teria de ser obliterado sob condições de maior sigilo - tudo isso ao longo dos últimos 30 ou 40 anos.

A hipótese parece implausível: a ideia de negação parece muito com uma interpretação psicanalítica, muito parecida com uma teoria da conspiração^[21]. Não é impossível documentá-la, no entanto, se fizermos a suposição razoável de que as pessoas são bastante rápidas em suspeitar daquilo que estão tentando esconder deles e estão preparados para agir de acordo.

Na ausência de evidências flagrantes, os efeitos em si são bem visíveis. No momento, o mais edificante desses efeitos é o delírio epistemológico que tomou conta do palco público desde a eleição de Donald Trump.

A denegação não é uma situação confortável. Negar dessa maneira é mentir com sangue frio, e depois esquecer que mentiu - mesmo lembrando-se constantemente da mentira depois de tudo. Isso está drenando. Podemos, então, nos perguntar: o que esse emaranhado faz às pessoas que são apanhadas em sua rede? A resposta: isso os deixa loucos.

E, em primeiro lugar, esse "povo" que os comentaristas oficiais de repente parecem estar descobrindo. Os jornalistas aproveitaram a ideia de que o povo se apegou a "fatos alternativos" a ponto de esquecer todas as formas de racionalidade.

Os comentaristas começaram a acusar essa gente boa de complacência em sua visão estreita, seus medos, sua suspeita inata das elites, sua indiferença deplorável à própria ideia de verdade e especialmente sua paixão por identidade, folclore, arcaísmo e fronteiras - e no topo de tudo isso, por boa medida, uma indiferença condenável aos fatos.

De onde vem o sucesso da expressão "realidade alternativa".

Mas isso é esquecer que esse "povo" *foi traído friamente* por aqueles que desistiram da ideia de realmente buscar a modernização do planeta *com* todos, porque sabiam, antes de todos, que tal modernização era impossível -

precisamente por falta de um planeta vasto o suficiente para seus sonhos de crescimento para todos.

Antes de acusar "as pessoas" de não acreditar mais em nada, é preciso medir o efeito dessa traição esmagadora no nível de confiança das pessoas. A confiança foi abandonada ao longo do caminho.

Nenhum conhecimento atestado pode se sustentar por si mesmo, como sabemos muito bem. Os fatos permanecem robustos apenas quando são apoiados por uma cultura comum, por instituições que podem ser confiáveis, por uma vida pública mais ou menos decente, por meios mais ou menos confiáveis^[22].

E pessoas a quem nunca foi anunciado abertamente (embora suspeitem disso) que todos os esforços para se modernizar nos últimos dois anos correm o risco de entrar em colapso, que todos os ideais de solidariedade foram jogados ao mar por seus próprios líderes - espera-se que essas pessoas tenham a confiança de um Louis Pasteur ou de um Marie Curie em fatos científicos!

Mas o desastre epistemológico é igualmente grande entre aqueles que estão encarregados de realizar essa extraordinária traição.

Para se convencer disso, basta observar diariamente o caos que reinou na Casa Branca desde a chegada de Trump. Como se pode respeitar os fatos mais bem estabelecidos, quando se tem que negar a enormidade da ameaça, sem reconhecê-lo, de travar uma guerra em larga escala contra todos os outros? É como coabitar com o proverbial "elefante na sala" ou com o rinoceronte de Ionesco. Não há nada mais desconfortável. Esses grandes animais roncam, cacarejam, rugem, esmagam você e impedem que você pense direito. O Salão Oval tornou-se um verdadeiro zoológico.

Pois a denegação envenena aqueles que a praticam, bem como aqueles que supostamente são enganados por ela. (Vamos olhar para a forma de engano peculiar ao "Trumpismo" mais tarde).

A única diferença, ainda que crucial, é que os super-ricos, dos quais Trump é meramente o intermediário, acrescentaram à sua fuga um crime para o qual não há expiação: sua negação obsessiva da mudança climática. Por causa dessa negação, as pessoas comuns tiveram que lidar com uma névoa de desinformação, sem que ninguém lhes dissesse que o projeto de modernização do planeta estava acabado e que uma mudança de regime era inevitável.

As pessoas comuns já tinham uma tendência geral de serem céticas; agora eles foram incitados, graças a bilhões de dólares investidos em desinformação, a serem céticos sobre um fato maciço - a mutação do clima^[23]. A verdade é que, se houvesse alguma esperança de lidar com esse fato a tempo, as pessoas comuns teriam que ter confiança em sua solidez muito cedo, a fim de levar os políticos a agir antes que fosse tarde demais. Em um momento em que o público poderia ter encontrado uma saída de emergência, os céticos do clima ficaram em seu caminho e negaram-lhes acesso. Quando chega a hora de julgar, esse é o crime pelo qual as acusações serão feitas^[24].

O público não compreende plenamente que a questão da negação da mudança climática organiza todas as políticas na atualidade^[25]. Quando os jornalistas falam sobre a política da "pós-verdade", eles o fazem muito levemente.

Eles não enfatizam o motivo pelo qual alguns decidiram continuar se envolvendo na política enquanto abandonavam voluntariamente o vínculo com a verdade que (corretamente!) os aterrorizava. Tampouco enfatizam o motivo pelo qual as pessoas comuns decidiram - e com razão, no caso delas também - não acreditar mais em nada. Considerando o que seus líderes já tentaram fazer com que eles engulam, é compreensível que eles desconfiam de tudo e não querem mais ouvir.

As reações da mídia provam que a situação não é melhor, infelizmente, entre aqueles que se gabam de ter permanecido "pensadores racionais", que estão indignados com a indiferença aos fatos do "Twiteiro-Chefe", ou que falam sobre a estupidez das massas ignorantes. Essas pessoas "racionalistas" continuam acreditando que os fatos se sustentam sozinhos, sem um mundo compartilhado, sem instituições, sem uma vida pública, e que seria suficiente colocar o povo ignorante de volta a uma sala de aula com um quadro negro e exercícios, para a razão finalmente triunfar.

Mas esses tipos "racionalistas" são tão apegados quanto os outros nos emaranhados da desinformação. Eles não veem que é inútil indignar-se com o fato de as pessoas "acreditarem em fatos alternativos", quando eles próprios vivem em um mundo alternativo, um mundo no qual a mutação climática ocorre, enquanto isso não ocorre no mundo de seus oponentes.

Não se trata de aprender como reparar deficiências cognitivas, mas sim de como viver no mesmo mundo, compartilhar a mesma cultura, encarar as mesmas estacas, perceber uma paisagem que pode ser explorada em conjunto. Aqui encontramos o vício habitual da epistemologia, que consiste em atribuir aos déficits intelectuais algo que é simplesmente um déficit na prática compartilhada.

7.

Se a chave para a situação atual não pode ser encontrada na falta de habilidades cognitivas, ela deve ser buscada na forma do mundo ao qual essas mesmas habilidades são aplicadas. Ora, aqui é precisamente onde está o problema: existem agora vários mundos, vários territórios e são mutuamente incompatíveis.

Para simplificar, vamos supor que, até agora, todas as pessoas que haviam concordado em seguir adiante com o projeto de modernização pudessem agora redescobrir onde elas pertencem, graças a um vetor que vai do local ao global.

É em direção ao Globo com um G maiúsculo que tudo começaria a se mover, o Globo que delimitou simultaneamente os horizontes científicos, econômicos e morais, o Globo da globalização-*plus*. Um marcador espacial - representado pela cartografia - e temporal - representado pela seta do tempo apontando para o futuro. Conduzido por este Globo, que despertou entusiasmo por gerações, porque era sinônimo de riqueza, liberdade, conhecimento e acesso a uma vida de facilidade, havia uma certa definição de humanidade.

Finalmente, os mares abertos! Finalmente, uma saída dos confins da casa! Por fim, o universo infinito! Muito poucos foram imunes a este apelo. Vamos tentar medir o entusiasmo a que ele deu origem entre aqueles que lucram com isso -

sem se surpreender com o horror que desperta entre aqueles que ele esmagou ao longo do caminho.

O que tinha que ser *abandonado* para modernizar era o Local. Este termo também exige uma letra maiúscula para que não seja confundida com algum habitat primordial, alguma terra ancestral, o solo de onde nasceram populações nativas. Não há nada aborígene, nada nativo, nada de primitivo neste território reinventado *após* a modernização ter acabado com todas as conexões antigas. É um contraste Local. Um anti-Global.

Uma vez que esses dois polos tenham sido identificados, podemos traçar uma fronteira pioneira de modernização. Esta é a linha traçada pela liminar para modernizar, uma liminar que nos preparou para todo sacrifício: por deixar a nossa província natal, abandonar nossas tradições, romper com nossos hábitos, se quiséssemos "avançar", participar do movimento geral de desenvolvimento e, finalmente, para lucrar com o mundo.

As pessoas estavam, é claro, divididas entre duas injunções contraditórias: avançar na direção do ideal de progresso, ou retroceder em direção às velhas certezas; mas essa hesitação, esse cabo-de-guerra, finalmente os adequou muito bem. Assim como os parisienses sabem como determinar onde estão no curso do rio Sena, observando a sequência de números ímpares e pares em suas ruas, soubemos como nos localizar no curso da história.

Havia, claro, manifestantes, mas eles estavam localizados do outro lado da frente de modernização. Eles eram os (neo-) nativos, os antiquados, os vencidos, os colonizados, os subalternos, os excluídos. Graças a essa pedra de toque, poderíamos tratá-los indiscutivelmente como reacionários, ou pelo menos como antimodernos, escórias e rejeitados. Eles certamente poderiam protestar, mas seus lamentos apenas justificavam seus críticos.

Foi brutal, talvez, mas finalmente o mundo teve uma direção. A flecha do tempo estava indo para algum lugar.

Tal posicionamento era mais fácil porque esse era o vetor ao longo do qual a distinção Esquerda/Direita - agora em questão - havia sido projetada.

Essa projeção não era simples, porque, dependendo dos assuntos em disputa, a Esquerda e a Direita frequentemente seguiam em direções diferentes.

Quando a economia estava em questão, por exemplo, havia uma Direita que sempre queria ir mais longe em direção ao Global, enquanto havia uma Esquerda (mas também uma Direita mais tímida) que preferiria estabelecer limites, desacelerar, proteger os mais fracos contra as forças do Mercado (as letras maiúsculas servem como lembretes de que estamos lidando com simples marcadores ideológicos).

Inversamente, quando a "liberação da moral" e as questões sexuais em particular estavam em discussão, havia sempre uma Esquerda que queria avançar em direção ao Global, enquanto havia uma Direita (mas também uma Esquerda) que se recusava firmemente a ser arrastada por essa "ladeira escorregadia".

Isso bastou para complicar um pouco a atribuição de rótulos como "progressista" e "reacionário". Mas, apesar disso, pode-se encontrar verdadeiros "reacionários" - contra as "forças do mercado" e contra a "liberação da moral" - e

verdadeiros “progressistas”, um composto de Direita e Esquerda, cujo desejo de libertar as forças do capital e a diversidade de padrões morais estimulou sua afinidade com o Global.

Com essas sutilezas à parte, as pessoas acabaram encontrando um terreno comum, apesar de tudo, pela boa razão de que todas essas posições continuavam situadas no mesmo vetor. O que tornou possível identificá-los da maneira como se lê a temperatura de um paciente, seguindo as gradações de um termômetro.

Como a direção da história é um dado, pode haver obstáculos, “regressões”, “avanços rápidos”, ou mesmo “revoluções” e “restaurações”, mas nenhuma mudança radical na ordenação geral de posições. Dependendo dos temas em disputa, a importância das posições poderia variar, mas sempre havia uma única direção que derivava da tensão entre os dois polos de atração, o Global e o Local. (Mais uma vez, essas são apenas abstrações convenientes.)

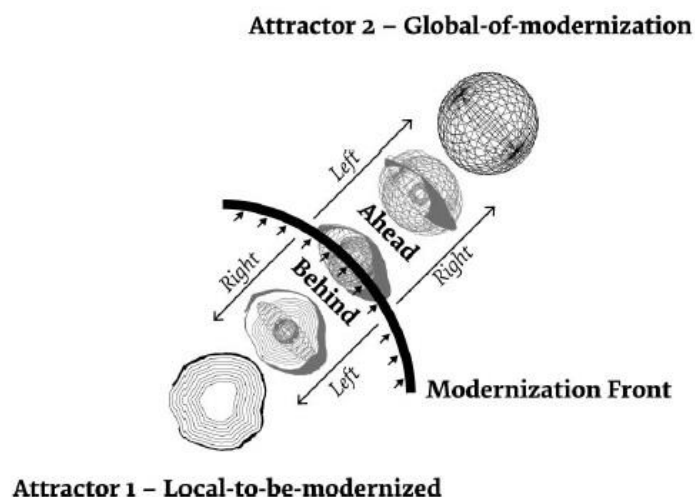


Figura 1. Esquema canônico da orientação dos Modernos

[Na Imagem: “Atrator 2 - Global-da-modernização”; “Direita; Esquerda”; “à frente; atrás”; “Frente de Modernização”; “Atrator 1 - Local-a-ser-modernizado”]

Como o assunto vai se tornar complicado muito rapidamente, uma renderização esquemática será útil. A forma canônica (figura 1) nos permite situar o Local-a-ser-modernizado e o Global-da-modernização como dois polos de atração rotulados de atrator 1 e atrator 2. Entre os dois, há a frente de modernização que distingue claramente entre o que está à frente e o que está atrás, assim como a projeção ao longo deste vetor das várias formas de estar associado à Direita ou à Esquerda, necessariamente simplificadas.

Este emparelhamento particular de Global e Local, obviamente, deixa de fora todas as outras formas de ser local e global que nos foram reveladas pela antropologia, mas que permanecem invisíveis para os Modernos e, portanto, não pertencem ao esquema - pelo menos por enquanto. Ser moderno, por definição, é projetar nos outros, a cada passo, o conflito entre o Local e o Global, entre o

passado arcaico e o futuro - um futuro com o qual os não-modernos, digamos assim, nada têm a fazer^[26].

(Para sermos completos, precisaríamos adicionar uma extensão infinita ao projeto do atrator 2, para acomodar aqueles que querem escapar dos problemas do planeta, mudando-se para Marte, ou se teletransportando para computadores, ou se tornando verdadeiramente pós-humanos, graças ao casamento do DNA, da ciência cognitiva e dos robôs^[27]. Essa forma extrema de “neo hipermodernismo” apenas acelera o velho vetor vertiginosamente e, portanto, não tem importância para o que se segue.)

O que acontece com este sistema de coordenadas se a globalização-*plus* se torna globalização-*minus*? Se o que foi o polo de atração nos atraindo com a força da auto-evidência, puxando o mundo inteiro em sua direção, torna-se uma força contrária que nos empurra para longe, deixando-nos com o sentimento confuso de que apenas alguns irão lucrar com isso? Inevitavelmente, o Local, também, em contraposição, se tornará atraente novamente.

Mas neste momento não é mais o mesmo local. Para o precipitado vôo em direção à globalização-*minus* existe um correspondente vôo precipitado em direção ao Local-*minus*, o Local que promete tradição, proteção, identidade e certeza dentro das fronteiras nacionais ou étnicas.

E aqui reside o drama: o Local transformado não é mais plausível, nem mais habitável do que a globalização-*minus*. É uma invenção retrospectiva, um *rump territory*^{VII}, os restos do que foi definitivamente deixado para trás pela modernização. O que é mais irreal do que a Polônia de Kaczyński, a Frente Nacional da França, a Itália da Liga do Norte, a encolhida Grã-Bretanha do Brexit, ou a grande e enganosa América de Trump?

No entanto, este segundo pólo atrai tão poderosamente quanto o primeiro, especialmente quando as coisas estão indo mal e o ideal do Globo parece ser cada vez mais remoto.

Os dois polos de atração finalmente se afastaram tanto que não temos mais o luxo de hesitar, como antes, entre os dois. É isso que os comentaristas chamam de brutalização do discurso político.

Para que a frente de modernização tivesse uma certa credibilidade, para organizar a direção da história de forma duradoura, todos os atores tinham que viver no mesmo lugar, ou pelo menos tinham que ter um horizonte comum, mesmo quando estavam puxando em direções diferentes.

Agora, aqueles que apoiaram a globalização, como aqueles que defendem o retorno ao passado, começaram a fugir o mais rápido possível, competindo na falta de realismo. Bolha versus bolha; comunidade fechada versus comunidade fechada.

^{VII} N.T. “*Rump territory*”: território ou Estado que é remanescente de outro anterior, que foi dividido ou perdeu porções de terra.

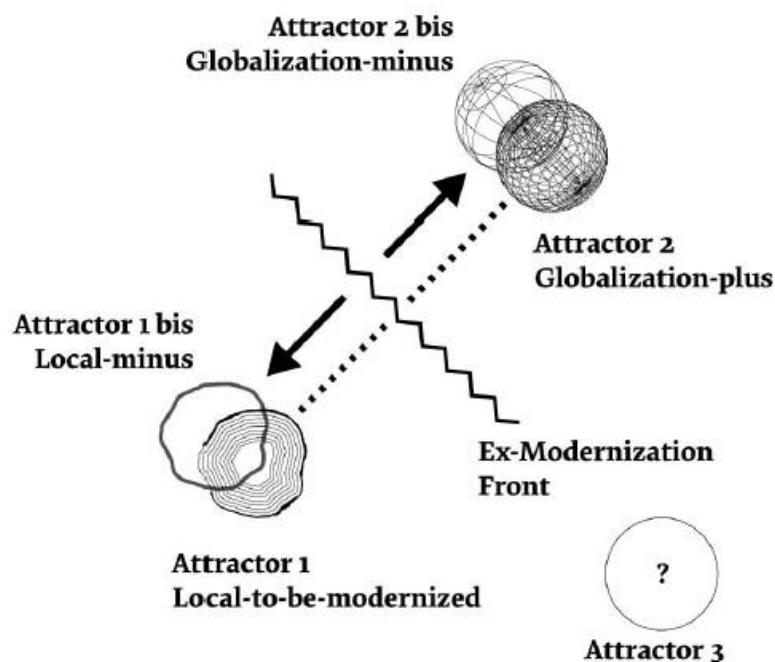


Figura 2. O sistema costumeiro de coordenadas dos Modernos quebrado pela irrupção de um terceiro atrator
 [Na imagem: "Atrator 2 bis - Globalização-*minus*"; "Atrator 2 - Globalização-*plus*"; "Atrator 1 - Local-*minus*"; "Ex-Frente de Modernização"; "Atrator 1 - Local-a-ser-modernizado"; "Atrator 3"]

Em vez de tensão, há daqui em diante uma lacuna enorme. Em vez de uma linha de frente, vemos apenas a cicatriz de uma antiga batalha a favor ou contra a modernização de todo o planeta. Não há mais um horizonte compartilhado - nem mesmo para decidir quem é progressista e quem é reacionário.

As pessoas se encontram na situação de passageiros em um avião que decolou para o Global, para quem o piloto anunciou que teve que se virar porque não se pode mais aterrissar naquele aeroporto, e quem então ouve com terror ("Senhoras e senhores, este é o capitão falando novamente") que a pista de pouso de emergência, o Local, também é inacessível. É compreensível que esses passageiros se pressionassem contra as janelas do avião para tentar ver onde eles seriam capazes de tentar um pouso forçado - mesmo que estejam contando, como no filme de Clint Eastwood, com os reflexos de um capitão Sully^[29].

Então, o que realmente aconteceu? Nós temos que supor que algo veio para torcer a flecha do tempo, um poder ao mesmo tempo antigo e inesperado que inicialmente preocupou, depois perturbou e finalmente dispersou os projetos dos Modernos acima mencionados. É como se a expressão 'mundo moderno' tivesse se tornado um oxímoro. Ou é moderno, mas não tem mundo sob seus pés, ou então é um mundo verdadeiro, mas não será modernizável. Chegamos ao final de um certo arco histórico.

De repente, é como se, em todo lugar ao mesmo tempo, um terceiro polo de atração viesse para o lado, bombeasse, absorvesse todos os objetos de conflito, impossibilitando qualquer orientação ao longo da antiga linha de vôo.

E é neste ponto da história, neste momento, que nos encontramos hoje. Desorientada demais para ordenar as posições ao longo do eixo que iam do antigo para o novo, do Local para o Global, mas ainda incapaz de nomear esse terceiro atrator, fixando sua posição, ou simplesmente descrevendo-a.

E ainda assim toda a orientação política depende deste passo para o lado: nós realmente teremos que decidir quem está nos ajudando e quem está nos traindo, quem é nosso amigo e quem é nosso inimigo, com quem devemos fazer alianças e com quem nós deve lutar - mas ao tomar uma direção que não é mais mapeada.

Não há nada, em qualquer caso, que nos autorize a reutilizar os antigos marcadores como "Direita" e "Esquerda", "libertação", "emancipação", "forças de mercado". Ou até mesmo os marcadores de espaço e tempo que aparentaram ser auto-evidentes por tanto tempo, como "local" ou "global", "futuro" ou "passado".

Tudo tem que ser mapeado de novo, com novos custos. Além disso, esta é uma tarefa urgente que deve ser realizada antes que os sonâmbulos, em sua corrida cega e precipitada, tenham esmagado o que nos interessa.

NOTAS

1. Observação feita pelo genro de Donald Trump, citado por Sarah Vowell, *The New York Times*, 8 de agosto de 2017.
2. Ver, em particular, Francis Fukuyama, *The End of History and the Last Man* (New York: Free Press, 1992).
3. A expressão "Novo Regime Climático" é desenvolvida em Bruno Latour, *Facing Gaia: Eight Lectures on the New Climatic Regime*, trans. Catherine Porter (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2017 [2015]).
4. Os católicos fizeram tudo o que podiam para ignorar a ligação entre a pobreza e os desastres ecológicos que é claramente articulada, no entanto, na encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si!* (Vaticano: Santa Sé, 2015).
5. Mesmo o Presidente francês Macron, que tem sido indiferente a essas questões, sentiu-se obrigado a aceitá-las quando introduziu #MaketheEarthGreatAgain apenas dois dias após o anúncio de Trump.
6. Dina Ionesco, Daria Mokhnacheva e François Gemenne, *The Atlas of Environmental Migration* (London: Routledge, 2016).
7. Veja Stefan Aykut e Amy Dahan, *Gouverner le climat? Vingt ans de négociation climatique* (Paris: Presses de Sciences Po, 2015). O texto do INDC (Intended Nationally Determined Contribution, no jargão da ONU) que havia sido preparado para a COP21 apresenta os projetos de desenvolvimento de cada país (ver www.diplomatie.gouv.fr/fr/politique-etrangere-de-la-france/climat/paris-205-cop21/les-contributions-nationales-pour-la-cop-21, acessado em 7 de agosto de 2017).
8. A universalidade perversa da perda de uma propriedade está bem documentada em Saskia Sassen, *Expulsions: Brutality and Complexity na Global Economy* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2014).

9. Daí a adequação da expressão "aprender a viver nas ruínas", do livro muito importante de Anna Lowenhaupt Tsing, *The Mushroom at the End of the World: On the Possibility of Life in Capitalist Ruins* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2015).
10. A ideia de uma frente de modernização e a forma como distribui os afetos políticos é desenvolvida mais completamente em Bruno Latour, *We Have Never Been Modern*, trad. Catherine Porter (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993 [1991]).
11. Karl Polanyi, *The Great Transformation* (Boston, MA: Beacon Press, 1957 [1944]).
12. Este texto segue uma convenção segundo a qual o termo minúsculo "terra" corresponde à estrutura tradicional da atividade humana (seres humanos na natureza), enquanto a maiúscula "Terra" indica um poder para agir no qual começamos reconhecer, mesmo que não tenha sido totalmente instituído, algo como uma entidade política.
13. Sobre esta história, ver especialmente Paul N. Edwards, *A Vast Machine: Computer Models, Climate Data, and the Politics of Global Warming* (Cambridge, MA: MIT Press, 2010).
14. Veja Christophe Bonneuil e Jean-Baptiste Fressoz, *The Shock of the Anthropocene: The Earth, History and Us*, trad. David Fernbach (Nova York: Verso, 2016).
15. Veja Naomi Oreskes e Erik M. Conway, *Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming* (New York: Bloomsbury Press, 2010).
16. Esta datação é obviamente muito vaga, mas não contradiz os dados fornecidos por Thomas Piketty em *Capital in the Twenty-First Century*, trad. Arthur Goldhammer (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2014 [2013]) e a exploração muito meticulosa de Dominique Pestre sobre a forma como a economia absorveu e eufemizou a ecologia. Veja especialmente Dominique Pestre, "La enise en économie de l'environnement comme règle, 1970–2010. Entre théologie économique, pragmatisme et hégémonie politique," *Ecologie et Politique* 52 (2016): 19–44. As reações ao relatório do Clube de Roma de 1972 podem servir como um marco em todo esse negócio de cronologia. Veja Élodie Vieille-Blanchard, *Les limites à la croissance dans un monde global. Modélisations, perspectives, réfutations*, "thesis, EHESS, Paris, 2011.
17. In *The World Inequality Report: 2018* (Cambridge, MA: Belknap Press, 2018), Facundo Alvaredo et al. Confirme que o ponto de virada está por volta dos anos 80, como foi mostrado tão brilhantemente em David Leonhardt, "Nossa economia quebra, em um simples gráfico", *The New York Times*, 7 de agosto de 2017.
18. Para um retrato psicológico surpreendente do proprietário do Titanic, que sobreviveu ao naufrágio, veja Frances Wilson, *How to Survive the Titanic: The Sinking of J. Bruce Ismay* (Nova York: Harper, 2012).
19. Veja "The Rockefeller Family Fund Takes on Exxon Mobil," *New York Review of Books*, December 8 and 22, 2016. Veja também Geoffrey Supran and Naomi

Oreskes, "Assessing Exxon Mobil's Climate Change Communications (1977–2014)," *Environmental Research Letters* 12, no. 8 (2017).

20. Veja Evan Osnos, "Doomsday Prep for the Super-Rich," *The New Yorker* (January 30, 2017):

<https://www.newyorker.com/magazine/2017/01/30/doomsday-prep-for-os-super-ricos>. Para um retrato marcante da construção deste mundo offshore, veja os Documentos Paraíso publicados pelo Consórcio Internacional para o Jornalismo Investigativo em 2017: <https://www.icij.org/investigations/paradisepapers/>.

21. O problema das teorias da conspiração, como mostrou Luc Boltanski, é que às vezes elas correspondem muito bem à realidade (Luc Boltanski, *Mysteries and Conspiracies*, trad. Catherine Porter [Cambridge, UK: Polity, 2014]). É tentador acreditar nisso se lermos o livro *Democracy in Chains: The Deep History of the Radical Right's Stealth Plan for America* de Nancy MacLean (Londres: Penguin Random House, 2017).

22. Este é o princípio comum da sociologia da ciência e tecnologia (STS). Ver, por exemplo, Ulrike Felt et al., *The Handbook of Science and Technology Studies*, 4a edn (Cambridge, MA: MIT Press, 2016).

23. Veja James Hoggan, *Climate Cover-Up: The Crusade to Deny Global Warming* (Vancouver: Greystone Books, 2009).

24. Veja o livro muito curto e muito perturbador de Naomi Oreskes e Erik M. Conway, *The Collapse of Western Civilization: A View from the Future* (Nova York: Columbia University Press, 2014).

25. Isso não significa que os comentaristas estejam cientes disso. Em um manifesto publicado em forma de livro em 12 línguas que reúne o que os intelectuais têm a dizer sobre a "grande regressão" - em outras palavras, a surpresa que sentem na "ascensão do populismo" - apenas um capítulo, o meu, lida com isso pergunta: veja Heinrich Geiselberger, ed. *The Great Regression* (Londres: Polity, 2017).

26. Marshall Sahlins, *Culture in Practice* (Nova Iorque: Zone Books, 2000).

27. Veja o site da Singularity University, <https://su.org>, acessado em 7 de agosto de 2017, e para uma descrição assustadora, ver Yuval Noah Harari, *Homo Deus: A Brief History of Tomorrow* (Londres: Harvill Secker, 2016) .

28. A multiplicação, à esquerda e à direita, de demandas cada vez mais estridentes por políticas de identidade em nome de valores não negociáveis, mostra que o segundo pólo, o do Globe, deixou de exercer o poder de atração que uma vez tornou possível fundir os dois em um projeto de universalidade.

29. Agradeço a Jean-Michel Frodon por este link para o filme *Sully* (2016).